

**PENSAMENTO ANTROPOFÁGICO  
‘COLORAÇÃO’ TROPICAL E IRREVERÊNCIA TEÓRICA**

**Carina Cerqueira**

CEI – Centro de Estudos Interculturais

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

ina\_nocas@hotmail.com

**Resumo**

Neste artigo procuro apresentar o poeta, escritor e pensador brasileiro Oswald de Andrade e a influência deste no nascimento e desenvolvimento do pensamento antropofágico. Pensamento teórico que tendo raiz na cultura indígena e no ritual de deglutição dos inimigos pela tribo dos Tupinambás, extrapola as fronteiras da sua acção prática para desaguar, após sucessivos desenvolvimentos teóricos, no ano de 1922, na irreverência do movimento modernista da Semana de Arte Moderna de São Paulo. Nascida sob a tónica do pensamento crítico e da reflexão social e cultural, propõe a metamorfose da cultura estrangeira e a reestruturação dos processos artísticos.

Ao estudo da antropofagia, enquanto pensamento/conceito teórico optei por acoplar o conceito de tradução cultural. Duas estruturas de análise socioculturais que em comunhão funcionam como contributo efectivo ao reconhecimento e compreensão das particularidades que definem o (re)posicionamento multi e intercultural das sociedades pós-colonialistas e pós-modernas. Aprender o sentido teórico combinado de antropofagia e tradução cultural é pois reverenciar a figura, pensamento e vivência de Oswald de Andrade. Mais do que aprofundar a biografia do autor, este artigo visa apresentar um encontro teórico: antropofagia, tradução cultural e (re)posicionamento multi e intercultural – conceitos indispensáveis ao reconhecimento das sociedades contemporâneas.

**Palavras-chave:** antropofagia; Oswald de Andrade; tradução cultural; multi e interculturalidade.

### **Abstract**

This article aims to present the poet, writer and thinker Oswald de Andrade and his influence on the birth and development of the cannibalistic thought. This is a theoretical thinking that has its roots in the Indian culture and in the ritual of eating the enemies by the Tupinambás tribe. The ideology goes beyond the boundaries of its practice to transform itself, after successive theoretical developments, in 1922, in the irreverence of the modernist movement of the Modern Art Week of São Paulo. Born under the focus of critical thinking and social and cultural reflection, this ideology/theoretical thinking proposes the metamorphosis of foreign culture and the restructuring of artistic processes.

In the study of cannibalism, while thinking/theoretical concept, I chose to engage the idea of cultural translation. Two structures of socio-cultural analysis in communion act as an effective contribution to the recognition and understanding of the particularities that define the (re)positioning of the multi and intercultural societies of postcolonial and postmodern times. To seize the combined theoretical sense of cannibalism and cultural translation is a form of reverence to the figure, thought and experience of Oswald de Andrade. More than deepening the author's biography, this article presents a theoretical encounter: cannibalism, cultural translation and multi and intercultural (re)positioning – essential concepts to the recognition of contemporary societies.

**Keywords:** anthropophagy; Oswald de Andrade; cultural translation; multi and interculturality.

## Índice

1. Introdução
2. Oswald de Andrade e o nascimento da Antropofagia
3. Antropofagia e Tradução Cultural – encontro de metáforas
4. Reflexões finais
5. Bibliografia

### 1. Introdução

“Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.”  
(Andrade. *Manifesto Antropofágico*)

O pensamento antropofágico é uma forma de irreverência epistemológica, própria de uma ‘coloração’ tropical vanguardista e surrealista, que propõe através da mescla das suas influências, estruturar uma reperspectivação da construção identitária e cultural brasileira. Neste texto, procuro analisar o movimento antropofágico de Oswald de Andrade, desdobramento reflectivo combinado do pensamento do autor e da Semana de Arte Moderna de 1922; assim, optei por desenvolver uma análise discursiva dualista, enquadrada pelo estudo do *Manifesto Antropofágico* (publicado na *Revista de Antropofagia*), e na ‘dentição’<sup>1</sup> da *Revista de Antropofagia* (duas fases de publicação).

Esta construção ideológica instigou uma onda de inconformismo e desconforto por parte dos conservadores e, ao mesmo tempo, acalentou a adopção e exaltação de apresentações artísticas vanguardistas. O posicionamento da cultura estrangeira e a presença da cultura brasileira marcou e continua activamente a marcar os questionamentos que afligem o Brasil. Assim, o sentimento brasileiro em relação à cultura estrangeira persiste numa estrutura de antagonismos e questionamentos. Aliás, estruturação reflectiva comum às sociedades contemporâneas, marcadas pela globalização, numa influência da multi e interculturalidade.

---

<sup>1</sup> A *Revista de Antropofagia* teve duas ‘dentições’ (ou duas fases): a primeira fase (‘dentição’) refere-se à publicação da revista entre Maio de 1928 e Fevereiro de 1929, sob a direcção de Antônio de Alcântara Machado e Raul Bopp (nesta fase a revista teve dez números publicados); a segunda fase (‘dentição’) refere-se à publicação da revista entre Março de 1929 e Agosto de 1929, sob a direcção de Geraldo Ferraz (nesta fase a revista teve quinze números publicados no Jornal ‘Diário de São Paulo’).

Para os modernistas, salientar a cultura ‘verdadeiramente’ brasileira pressupunha resgatar a produção cultural indígena, apropriando-se do conceito literal (ritual de guerra e conceito sociocultural) de ‘devorar o outro’, transformando-o numa construção ideológica metafórica. Contudo, esta concepção não significava repudiar ou excluir a cultura estrangeira, mas antes integrá-la nas particularidades que definem a existência brasileira. Porém, ainda assim, não devemos pensar que se tratou de uma produção cultural pacífica, antes pelo contrário, foi recebida com relutância e desconfiança.

Procurando fluidez textual e enquanto estrutura metodológica, optei por dividir este artigo em dois segmentos principais: no ponto 2. ‘Oswald de Andrade e o nascimento da Antropofagia’ e no ponto 3. ‘Tradução cultural e Antropofagia – encontro de metáforas’. Esta divisão acalenta uma estrutura de argumentação contínua, ou seja, se no ponto 2. começo por reconhecer a relevância de Oswald de Andrade, exalto a preponderância da sua base teórica na construção do conceito de antropofagia e procuro, ainda, evidenciar a estruturação deste movimento/pensamento vanguardista, na edificação identitária e cultural brasileira; já no ponto 3. passo ao enaltecimento do conceito de tradução cultural (concentro-me para tal na produção teórica de Homi K. Bhabha), enquanto metáfora para a deglutição e canibalização. O ponto 4. serve como espaço reflectivo, no qual procuro enquadrar análises e questionamentos resultantes dos desenvolvimentos propostos, respectivamente, no ponto 2. e 3..

## **2. Oswald de Andrade e o nascimento da Antropofagia**

O *Manifesto Antropofágico* integra o pensamento moderno do início do século XX, trata-se de uma obra teórico/literária<sup>2</sup> cuja forma e molde rompe com os padrões estabelecidos, verificável pela utilização de um discurso vanguardista e surrealista, e ainda, enquanto documento para a reflexão do sistema de produção cultural brasileiro. Através do *Manifesto Antropofágico*, Oswald de Andrade efectiva a designada ‘devoração crítica’, ou seja, desconstrução da cultura ocidental, masculina e cristã, pela reconstrução de um espaço de alteridade cultural.

---

<sup>2</sup> Optei por esta dupla caracterização tendo por base a intenção do autor (Oswald de Andrade) de construir e apresentar um manifesto sobre a edificação da cultura brasileira, salientando, para tal, as influências multi e interculturais. Além de um documento poético, a sua estruturação visa apresentar uma fuga aos cânones literários da época, apresentando para isso uma construção vanguardista. Ainda que dentro da reverência literária, o *Manifesto Antropofágico* constitui-se fulcralmente como documento de sustentação do pensamento teórico antropofágico. Desta forma, estamos na presença de um documento literário, pela sua estruturação e construção textual, mas também de uma edificação teórica da antropofagia.

Como sabemos, as vanguardas surgem quando na sociedade flui uma necessidade de renovação, quando os discursos socioculturais já não conseguem transmitir a densidade das transformações sociais. O desenvolvimento industrial e a criação de uma sociedade de consumo, o reposicionamento de antigos valores e dogmas, conduziram à ruptura pela inadequação sociocultural. Dentro destas metamorfoses sociais e culturais, a premência de uma nova ‘linguagem’ capaz de transmitir reformulações recentes, uma realidade económica, política e social renovada e um academismo em mutação, conduziu ao surgimento do modernismo<sup>3</sup>. Também determinante na construção do movimento modernista foi a presença e influência do movimento futurista<sup>4</sup>. Este movimento consistiu na exaltação de ‘liberdades’, ou seja, ruptura artística com as formas e linguagens do passado, e a abertura à reconversão daquilo que é desconhecido e novo, num claro apelo à tónica combinada vanguardista/futurista.

Embora o Brasil fosse à época do modernismo (refiro-me à primeira geração: 1922 a 1930), um país em desenvolvimento, nomeadamente, através do crescimento económico, devido ao apogeu do café e ao processo de industrialização, principalmente, no Rio de Janeiro e São Paulo, a estagnação na qualidade de vida e a manutenção de velhos dogmas socioculturais continuavam a ser uma realidade. Neste binómio novo/velho, Oswald de Andrade (1890 – 1954) começa a desenvolver o que, mais tarde, iria culminar na Semana de Arte Moderna de 1922.

Em 1917, Anita Malfatti (1889 – 1964) expõe e recebe críticas severas, que desvalorizam e ridicularizam a sua arte. Entre os críticos principais encontra-se o conservador Monteiro Lobato<sup>5</sup> (1882 – 1948). Este encontro negativo entre passado e presente constituiu-se como o momento inicial para o início da jornada dos artistas modernistas a favor do vanguardismo e do futurismo. Jornada esta que começa com a

---

<sup>3</sup> O modernismo brasileiro está dividido em três gerações: Primeira geração, de 1922 a 1930; Segunda geração, de 1930 a 1945; e Terceira geração, de 1945 a 1975.

<sup>4</sup> Movimento de cariz eminentemente vanguardista, concentrado fulcralmente nas artes e na literatura, evidenciava os desenvolvimentos sociais, culturais e tecnológicos do século XIX. Promoviam uma ruptura assertiva com o moralismo e conservadorismo do passado, através da apresentação crua e primária da violência e da guerra. Por volta de 1912, Oswald de Andrade teve contacto com o movimento futurista nas suas viagens à Europa, influências reconvertidas posteriormente na Semana de Arte Moderna de São Paulo em 1922.

<sup>5</sup> Embora previamente elogiada pelo crítico Monteiro Lobato, aquando da segunda exposição de pintura, Anita Malfatti é apontada como exemplo de promoção artística caricatural, numa desconstrução da reverência canónica da corrente artística da época. A crítica que visava quase infantilizar e destituir a pintura da sua concepção crítica e expressão desconstruída da arte ‘tradicional’ foi publicada no Diário de São Paulo em Dezembro de 1917. Esta crítica aberta tornou-se ponto para o reconhecimento vanguardista e irreverente do trabalho da artista e ao mesmo tempo argumento quanto ao conservadorismo do crítico; constuiu-se desta forma um momento marcante na evolução da teoria/pensamento antropofágico.

crítica insistente e assertiva aos velhos dogmas académicos, principalmente com referência à construção artística. Desta forma, promove-se a ruptura com modelos socioculturais datados e desfasados da realidade e evidencia-se uma aproximação ao espírito inovador, com o qual se pretende renovar a arte e as letras brasileiras.

Dentro do movimento modernista surgem pequenos subgrupos<sup>6</sup>: os regionalistas; o Verde-Amarelo<sup>7</sup>, posteriormente, designado Anta<sup>8</sup> e Pau-Brasil<sup>9</sup>, que mais tarde passa a designar-se antropofagia<sup>10</sup>. Os subgrupos partilham a mesma ânsia pela valorização da produção artística brasileira, exaltação das raízes culturais e populares. Embora a arte seja o mote para o desenvolvimento destes movimentos, eles adquirem peso político e estruturação reivindicativa, como foi o caso do Verde-Amarelo ou Anta, que sob a direcção de Plínio Salgado (1895 – 1975), mais tarde desaguou no movimento integralista<sup>11</sup>.

Oswald de Andrade completou 38 anos a 11 de Janeiro de 1928, seis anos após a célebre Semana de Arte Moderna de São Paulo. Por altura do seu aniversário, o escritor recebeu de Tarsila do Amaral, que à época era a sua esposa, um quadro designado *Abaporu*, ou seja, ‘Aba’ que significa ‘homem’ e ‘poru’ que quer dizer ‘que come’ (traduções do dicionário tupi-guarani). Para interpretar o quadro e auxiliar na construção teórica subjacente à perspectiva pictórica, Oswald de Andrade recorreu ao amigo, Raul Bopp (1898 – 1984). Os dois encetaram um movimento artístico, filosófico e teórico visível na produção do *Manifesto Antropofágico*, apresentado na *Revista de Antropofagia*. Ainda em 1928 é publicada a obra de Mário de Andrade, *Macunaíma – o herói sem nenhum carácter*<sup>12</sup>, numa expressão literária da versão antropofágica da cultura brasileira.

---

<sup>6</sup> Numa fase inicial, o modernismo brasileiro foi marcado pelo surgimento dos manifestos nacionalistas como: Pau-Brasil; Verde-Amarelismo; Escola da Anta e a Antropofagia.

<sup>7</sup> O movimento Verde-Amarelo surge como contestação à influência francesa do movimento Pau-Brasil, uma contestação sob a qual se procurava rejeitar a absorção de uma construção teórico-filosófica de cariz externo. Este movimento promovia o nacionalismo primário sem influências externas.

<sup>8</sup> O movimento Anta foi parte integrante do movimento Verde-Amarelo e fomentava a valorização da cultura indígena, com especial atenção para a Língua Tupi. Propunham a ‘anta’ como símbolo nacional.

<sup>9</sup> O manifesto Pau-Brasil foi escrito por Oswald de Andrade e publicado no *Correio da Manhã* a 18 de Março de 1924. Nele o autor procurava promover a consciência nacional, num regresso ao sentimento nacionalista, numa tónica bucólica e exaltação da ruralidade.

<sup>10</sup> O movimento antropofágico surge enquanto resposta às demandas do movimento Verde-Amarelo e enquanto desenvolvimento da construção teórica principiada com o manifesto Pau-Brasil.

<sup>11</sup> Após desenvolvimentos no movimento Verde-Amarelo e do movimento Anta, Plínio Salgado fundou a 7 de Outubro de 1932 a Acção Integralista Brasileira (AIB). O AIB, liderado pelo seu fundador tornou-se um partido político de extrema-direita, assente nas concepções do movimento fascista italiano.

<sup>12</sup> Para subsequentes desenvolvimentos da análise da obra de Mário de Andrade, *Macunaíma – o herói sem nenhum carácter* indico a leitura do artigo ‘Macunaíma – o herói sem nenhum carácter – obra basilar brasileira segundo o olhar português’, de autoria de Carina Cerqueira, publicado no n.º 1 da E-REI

O movimento antropofágico começa assim a ser desenhado por Oswald de Andrade, inspirado na pintura de Tarsila do Amaral (1886 – 1973), mais concretamente, na obra já mencionada *Abapuru*, que se traduz como ‘o antropófago’. A construção efectiva desta forma de pensamento toma expressão corpórea na publicação, em 1928, do *Manifesto Antropofágico* na *Revista de Antropofagia*, sob direcção inicial de Antônio de Alcântara Machado (1901 – 1935) e Raul Bopp (1898 – 1984), entre Maio de 1928 e Fevereiro de 1929.

Através da construção do *Manifesto Pau-Brasil*, publicado no *Correio da Manhã* a 18 de Março de 1924, e com o *Manifesto Antropofágico*, publicado como já foi mencionado na *Revista de Antropofagia* em Maio de 1928, Oswald de Andrade critica abertamente o modelo colonialista de catequese, o domínio europeu (principalmente sob jugo português), a construção indígena efabulada do índio Péri<sup>13</sup> de José de Alencar (1829 – 1877) e, ao mesmo tempo, enaltece a cultura indígena e o ritual de absorver/deglutir o inimigo. Trata-se de uma destruição seguida de reconstrução sob novos moldes, um encontro que confluí na herança triangular: indígena, africana e europeia.

“[O] neo-indianismo de hoje abandonou todo romantismo indiano para chegar ao puro realismo indianista, com a preocupação maxima de desidilisar, de despoeisar os nossos índios e olhal-os como são ou deviam ter sido antes da catequese e da conquista.” (Athayde. 1929: 12).

O modernismo brasileiro enquadra-se numa época de guerra, onde tudo parece desmoronar, seguido de uma intensa necessidade de reconstruir. A Semana de Arte Moderna acompanhou alterações importantes da História brasileira, nomeadamente, a revolução dos 18 do Forte de Copacabana<sup>14</sup> e a fundação do partido comunista (25 de Março de 1922), a Coluna Prestes<sup>15</sup> e as alianças populares, que conduziram à revolução

---

(Revista de Estudos Interculturais) online do CEI (Centro de Estudos Interculturais) do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, em [http://iscap.ipp.pt/cei/E-REI%20Site/1Artigos/Carina%20Cerqueira%20-%20Macunaima%20-%20o%20heroi%20sem%20nenhum%20carater\\_.pdf](http://iscap.ipp.pt/cei/E-REI%20Site/1Artigos/Carina%20Cerqueira%20-%20Macunaima%20-%20o%20heroi%20sem%20nenhum%20carater_.pdf)

<sup>13</sup> Personagem do romance *O Guarani* publicado em folhetim entre Fevereiro e Abril de 1857 e mais tarde, no mesmo ano, publicado em livro.

<sup>14</sup> Movimento de revolta ocorrido a 5 de Julho de 1922 na cidade do Rio de Janeiro, onde 17 militares e 1 civil reivindicaram o fim das oligarquias de poder. Integrado no movimento tenentista, que consistiu na rebelião de jovens militares de baixa e média patente do Exército Brasileiro.

<sup>15</sup> Coluna Prestes foi um movimento político-militar de 1922 a 1927, relacionado com o movimento tenentista. Reivindicavam o voto secreto, o ensino público e a obrigatoriedade e generalidade social do ensino secundário.

de 30<sup>16</sup>, que acabou por resultar na ditadura de Getúlio Vargas (1882 – 1954).

Oswald de Andrade propôs assim redescobrir nos meandros da cultura brasileira, marcada pelos inúmeros acontecimentos políticos, económicos e sociais, formas para a desconstrução dicotómica que marcava a sociedade brasileira, nomeadamente, nos antagonismos: colonizador/colonizado, civilizado/selvagem, natureza/tecnologia e matriarcado/patriarcalismo. O canibal e o seu ritual de absorção, deglutição e reestruturação constituiu um modelo cultural para reverter a tradição e produção sociocultural ocidentalizada num espaço rasgado pelas construções naturistas e populares da cultura brasileira. No n.º 1 da *Revista Antropofágica* (Maio de 1928) Antônio de Alcântara Machado abre caminho ao conceito de antropofagia, naquilo que ele próprio designou como ‘Abre-alas’, um simbolismo claro da transgressão carnavalesca: “[n]ós eramos xipópagos<sup>17</sup>. Quási chegamos a ser deródimos<sup>18</sup>. Hoje somos antropófagos. E foi assim que chegamos á perfeição.” (Machado. 1928: 1).

O pensamento antropofágico serve como partida para a construção identitária, tendo por base um discurso de hegemonia desconstruída, que não apenas a substituição dogmática, mas antes um modelo de reperspectivar a identidade do ‘eu’ sobre o olhar do ‘outro’. Esta dinâmica entre ‘eu’ e ‘outro’ e a sua transmutação perspectival, recria um espaço próprio para o questionamento, que por si só, pode conduzir à metamorfose das relações coloniais, socioculturais, representativas e auto-identitárias. Uma interrogação fascinante que induz reconstrução do comportamento social, cultural, político e económico.

“Cada qual com o seu tronco mas ligados pelo fígado (o que quer dizer pelo ódio) marchávamos numa só direcção. Depois houve uma revolta. E para fazer essa revolta nos unimos ainda mais. Então formamos um só tronco. Depois o estouro: cada um de seu lado. Viramos canibais.

---

<sup>16</sup> Movimento liderado pelos estados brasileiros de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, a revolução de 1930 resultou num golpe de Estado que depôs o Presidente da República Washington Luís (1869 – 1957) a 24 de Outubro de 1930, conteve a tomada de posse do Presidente Júlio Preste (1882 – 1946) e terminou com a República Velha. Este foi um período da História brasileira iniciada com o governo de Getúlio Vargas (1882 – 1954), desde 15 de Novembro de 1889 até à Revolução de 1930.

<sup>17</sup> Segundo o dicionário de ‘termos zootécnicos e palavras correlacionadas com a produção animal’, de Geraldo Cezar de Vinhães Torres e Paulo Emílio L. M. de Vinhães Torres, um Xipópago consiste na ‘alteração teratológica em que os gêmeos se apresentam unidos pelo apêndice xifóide do osso externo.’; simbolicamente, a seu enquadramento na teoria antropofágica, prende-se com a determinação da união corporal dos povos.

<sup>18</sup> Deródimo consiste num monstro com duas cabeças; sendo que, simbolicamente, o termo determina a partilha de uma estrutural corporal regida por duas cabeças, respectivamente, a cultura brasileira (nacional) e a cultura externa (estrangeira).



Aí descobrimos que nunca havíamos sido outra coisa. A geração actual coçou-se: apareceu o antropófago. O antropófago: nosso pai, principio de tudo.

Não o índio. O indianismo é para nós um prato de muita sustância. Como qualquer outra escola ou movimento. De ontem, de hoje e de manhã. Daqui e de fora. O antropófago come o índio e come o chamado civilizado: só ele fica lambendo os dedos. Pronto para engulir os irmãos.

Assim a experiência moderna (antes: contra os outros; depois: contra os outros e contra nós mesmos) acabou despertando em cada conviva o apetite de meter o garfo no vizinho. Já começou a cordeal mastigação.

Aqui se processará a mortandade (êsse carnaval). Todas as oposições se enfrentarão. Até 1923 havia aliados que eram inimigos. Hoje há inimigos que são aliados. A diferença é enorme. Milagres do canibalismo.

No fim sobrará um Hans Staden. Êsse Hans Staden contará aquilo de que escapou e com os dados dêle se fará a arte próxima futura.

E' pois aconselhando as maiores precauções que eu apresento ao gentio da terra e de todas as terras a libérrima REVISTA DE ANTROPOFAGIA.

E arreganho a dentuça.

Gente: pode ir pondo o cauim a ferver.” (Machado. 1928: 1).

Intrinsecamente associado ao conceito de antropofagia está o termo canibalismo. Os dois conceitos seguem numa espécie de indistinção que deve ser contrariada e explicada, ou seja, enquanto que canibalismo se refere em concreto ao acto de comer carne humana, já antropofagia diz respeito ao simbolismo metaforizado de absorver e deglutir a ingestão da cultura alheia. Assim, enquanto que o primeiro termo se define na prática, o segundo conceito constrói-se na teoria, enquanto enaltecimento do ritual.

“Era uma vez um kzar naturalista  
Que caçava homens.  
Quando lhe disseram que também  
Se caçam borboletas  
E andorinhas,  
Elle ficou muito espantado,  
E achou uma barbaridade.” (Andrade. 1928: 1).

Ainda associado ao conceito de antropofagia e de canibalismo encontramos a distinção dicotómica civilizado/selvagem, onde a ingestão de carne humana permanece ligada à comunidade indígena e aos relatos míticos de selvajaria dos trópicos. Esta distinção provém de um relato de Jean de Léry (*Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil*), quando em 1578 disse que os índios do Brasil possuíam uma estrutura de guerra delimitada, sob a qual foram construídas noções práticas de vingança, nomeadamente, através do ritual canibal. Já a antropofagia modernista designa um modelo de movimento cultural, caracterizado pela ruptura de velhos dogmas e abertura ao pensamento desconstruído vanguardista e surrealista, em que todo e qualquer objecto ou prática sociocultural é observável sob ópticas caleidoscópicas. Assim, a época marcada

pelo modernismo estimulou um ambiente propício ao surgimento e proliferação dos ideais revolucionários, sob os quais a construção e reflexão sobre a identidade nacional se tornaram pedra basilar. Edificar a identidade nacional implicava, desta forma, repensar a política de reminiscência colonialista.

A ‘antropofagia filosófica’ é a terminologia utilizada como definição da perspectiva teórica sobre a qual Oswald de Andrade trabalhou, ao longo das suas múltiplas teses, ensaios, conferências e artigos, apresentados a partir da década de 1940. Na realidade, esta perspectiva histórico-filosófica que Oswald de Andrade desenvolveu consiste num conjunto de discursos e narrativas, sob as quais se procura aplicar o conceito, em permanente desenvolvimento, de antropofagia, ou seja, expresso na poesia, prosa e artes plásticas; a plasticidade estética desta estrutura de pensamento derivou numa agregação multidisciplinar, sob a qual é possível inferir ilações e construções epistemológicas que sustentam e estruturam a antropofagia, enquanto produção teórica-ideológica.

Desta forma, posso afirmar que a construção teórica antropofágica navega sob dois mares: por um lado, a dimensão indígena de cultura primária, no sentido embrionário, sob o qual se procura um modelo sociocultural ‘tropical’; por outro lado, não se nega as matrizes (europeia e africana) de construção social e cultural, contudo, intenta-se a aproximação e reconversão mesclada das múltiplas influências, demanda-se desta forma um modelo entrecruzado e redimensionado. Para Oswald de Andrade, a construção sociocultural das nações dimensiona-se no encontro de perspectivas: a visão patriarcal e a visão matriarcal; que, por sua vez, quanto ao patriarcado, representa a estrutura sociocultural europeia, ocidentalizada, numa imposição directa do sistema colonialista; enquanto que o sistema matriarcal evidencia o regresso, não ao que já se conhece, mas a uma versão multidisciplinar, mesclada e reconstruída dos valores sociais, morais, culturais, ideológicos e éticos da concepção pré-colonização, trata-se pois, da oposição entre cultura messiânica, escravagista e de exaltação individualista *versus* a cultura antropofágica, jocosa, de agregação sociocultural colectiva.

Contudo, salienta-se enquanto ponto crítico a construção teórica sob a capa da substituição, ou seja, mais do que promover a imposição de um dogma ‘tropical’ para ocupar o lugar do dogma ‘ocidental’, devemos questionar a versão ‘histórica’ da construção social e cultural das nações e o seu subsequente papel representativo, promovendo desta forma uma reinterpretação da dinâmica diacrónica passado-presente-

futuro. Apanágio da observação crítica, esta forma de reperspectivar a construção sociocultural da nação exalta a relevância da desconstrução teórica.

A produção teórica de Oswald de Andrade divide-se em duas fases principais: a dos anos 20, antes do contacto do autor com o marxismo; e a dos anos 30, depois do conhecimento teórico marxista. A distinção de pensamento deriva na militância política assumida do autor, que nos anos 30 radicaliza a sua posição, com predomínio pelos factores económicos que marcam a dinâmica da sociedade brasileira. A alteração de perspectiva deriva em grande parte da crise mundial, devido ao *crash* da Bolsa de Nova Iorque<sup>19</sup> e, numa incidência de cariz particular, com a ruptura financeira do próprio Oswald de Andrade. O autor era um rico herdeiro das fazendas de café, que se tornou no primeiro aristocrata brasileiro a aderir ao comunismo. Em 1933, o autor publica a obra experimental *Serafim Ponte Grande*, onde, através do prefácio, renuncia à vida e à literatura burguesa e se declara defensor da revolução proletária.

“Penso que não se deve confundir volta ao estado natural (o que se quer) com volta ao estado primitivo (o que não interessa). O que se quer é simplicidade e não um novo código de simplicidade. Naturalidade, não manuaes de bom tom. Contra a belleza canonica, a belleza natural – feia, bruta, agreste, barbara, illogica. Instincto contra o verniz. O selvagem sem as missangas da cathechese. O selvagem comendo a cathechese.” (Costa. 1928 (1): 8).<sup>20</sup>

Pelas idiosincrasias que marcam a relação Portugal – Brasil, é com naturalidade que a reconversão antropofágica visa particularizar a representatividade portuguesa:

“Portugal vestiu o selvagem. Cumpre despil-o. Para que elle tome um banho daquella “innocencia contente” que perdeu e que o movimento antropophago agora lhe restitue. O homem, (falo o homem europeu, cruz credo!) andava buscando o homem fóra do homem. E de lanterna na mão: philosophia.

Nós queremos o homem sem a duvida, sem siquer a presumpção da existencia da duvida: nú, natural, antropophago.

Quatro seculos de carne de vaca! Que horror!.” (Costa. 1928 (1): 8).

Assim, os antropófagos definem-se enquanto vozes críticas à elite intelectual brasileira e latino-americana; elite esta que via na absorção cultural europeizada e americanizada o processo para a manutenção do seu poder económico e político. Esta estruturação sociocultural implicava, na prática, a obstrução e repúdio da cultura

---

<sup>19</sup> Designada a quinta-feira negra, o crash da Bolsa de Nova Iorque deu-se a 24 de Outubro de 1929 e ficou conhecido na História como o episódio embrionário de 12 anos da Grande Depressão. Este acontecimento inculcou marcas profundas na vida sociocultural dos países ocidentais.

<sup>20</sup> As citações efectuadas ao longo deste artigo, provenientes da *Revista de Antropofagia* (nas duas ‘dentições’) apresenta a terminologia e morfologia do original.

indígena (designada pelos antropófagos como cultura matriz), enquanto narrativa de alteridade.

“Meu bisavô  
Que era um índio Botocudo  
Devorou a tribo inteira  
Com pajé, cacique e tudo  
E a minha avó  
Que comia à portuguesa  
Reduziu dois bois a pó  
E inda quis a sobremesa”  
(‘Prato Fundo’ de Noel Rosa).

A leitura do *Manifesto Antropofágico* deve ser conduzida com a devida prudência, pois é necessário lê-lo sob ponderação das múltiplas construções fantasiosas, como por exemplo, a inexistência do Matriarcado entre os Tupinambás antropófagos. Contudo, a leitura poética/filosófica serve fulcralmente como apologia à crítica. Na envolvimento da sociedade brasileira, a antropofagia procura não só ultrapassar as restrições etnocêntricas e herméticas da cultura europeia e/ou americana, mas também transpor as influências pré-construídas, designadas como ‘exóticas’ ou ‘tropicais’. Efectivamente, a antropofagia demanda enaltecer o conceito de deglutição enquanto espaço discursivo para a ponderação identitária e sociocultural. Desta forma, a antropofagia deve ser lida sem os constrangimentos do pensamento acríptico que a determinou historicamente. Para tal, é urgente fugir ao estigma do bárbaro, do selvagem e do canibal.

Na antropofagia, a cultura do ‘outro’ reveste-se de capital importância, não pelo processo de imposição e subjugação da cultura colonizada, mas pela estrutura de alteridade metamorfoseada, ou seja, dá-se um descentramento da cultura externa, ao mesmo tempo que se mesclam influências, numa transmutação ao nível do posicionamento. A antropofagia, assim como a tradução cultural, constituem-se como processos metafóricos de aproximação e reposicionamento da cultura ocidental. Sendo que, subjacente à construção do conceito de antropofagia e à relação desta com a cultura ocidental, enalteço também a cultura de origem colonialista, portanto, a cultura portuguesa. Assim, a concepção de antropofagia trata efectivamente da acção pela descolonização da cultura brasileira, não na execução da substituição dogmática, mas antes, assinalar a construção cultural de cariz externo (primordialmente português e

norte-americano), para uma estrutura subsequente de reposicionamento sociocultural e político.

“Os portugueses do Rio de Janeiro ofereceram ao ministro brasileiro das Relações Exteriores uma vasta placa de bronze. Quizeram com isso homenagear o homem que obrigou os membros de um congresso qualquer a ouvirem discursos no grego de Camões.

Mais uma vez o Brasil defendeu o que em Portugal chamam de patrimônio comum da raça. Defesa que cabia aos lusitanos. Mas não tendo mais força nem autoridade para isso arranjaram advogado convencendo-o de que também tinha interesse na causa. De forma que não pagam honorários. Contentam-se em dar um presentinho de tempos em tempos. Está tudo errado. A língua portuguesa não é patrimônio comum da raça. Primeiro porque não há raça mas raças. Segundo porque não há língua mas línguas.

O português diz que sim. Prêga a unidade e tal. E’ a cousa de sempre: quando estava de cima só gritava eu, agora que está por baixo faz questão do nós.

Essa união luso-brasileira é que nem aquela de Mutt e Jeff deante do cinema numa caricatura de J. Carlos:

- Vamos fazer uma vaca, Jeff?

- Vamos: você entre com dez tostões e eu entro com você.

Sem tirar nem pôr.” (Machado. 1928: 1).

Assim, a antropofagia visa essencialmente oferecer uma releitura do ‘outro’, não de um ‘outro’ singular, mas antes da relação que se pode/deve estabelecer com um ‘outro’, que é múltiplo e fragmentado. Se esta análise parte da figura do *Manifesto Antropofágico*, que visava naquela época ponderar o centro europeu, mais concretamente Paris, onde se produzia o elitismo cultural, do qual se estabeleceram dogmas culturais instalados e apreendidos noutros países; já sob construção teórica do movimento antropófago, focaliza-se e procura-se desconstruir o ‘olhar ocidental’, ou seja, desmontar as construções dicotómicas sob as quais se inserem os indivíduos e/ou grupos. Trata-se, na prática, de uma construção metafórica e abstracta, o que no entanto dificulta o processo de delimitação teórica.

Dentro desta reconstrução teórica, o ‘português’ (enquanto elemento colonizador e invasor) é também ele ‘desconstruído’, sob o processo de independência e descolonização, ou seja, trata-se da demonstração de originalidade. O brasileiro não necessita de absorver acriticamente a construção cultural do colonizador, uma vez que a Revolução Caraíba<sup>21</sup> promove a constituição de uma projecção cultural própria e renovada.

A utilização da figura do canibal e do canibalismo, em comunhão e exaltação do pensamento antropófago, incute duas perspectivas fulcrais no desenvolvimento da sua

---

<sup>21</sup> Construção teórica idealizada por Oswald de Andrade, que consiste na valorização dos elementos socioculturais de matriz indígena e a sua apropriação à dinâmica da sociedade brasileira.

compreensão: (1) o aspecto jocoso, satírico e anedotário em valorizar o primitivo, desvalorizar o ‘civilizado’, numa acção pela reestruturação dogmática; além disso, ao escamotear o efeito de ‘deglutir’ através do tom cómico está, na prática, a desvanecer o sentir de ‘tornar-se o outro’; (2) e a preponderância da violência verbalizada, aquando da reestruturação do discurso, através da metamorfose da linguagem e da memória.

Após construir as ‘linhas’ que cozinham o pensamento antropofágico, Oswald de Andrade reperspectivou a sua própria construção teórica, definida como filosofia existencial dos anos 1940 e 1950. Esta estrutura de reperspectivação deriva da tomada de posição política por parte do autor, visível na redação da tese para a unidade curricular de filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP), sob o título *A crise da filosofia messiânica* (1950); e ainda com a publicação de uma série de artigos no jornal *O Estado de S. Paulo*, designada *A marcha das utopias* (1953).

A perspectiva política e a focalização num momento de exploração filosófica devem-se a acontecimentos ocorridos na vida pessoal do pensador. O espaço temporal entre 1929 e 1930 incitou Oswald de Andrade à reestruturação das suas concepções teóricas e filosóficas, principalmente, devido à conclusão do relacionamento entre o autor e Tarsila do Amaral, assim como à ruptura com alguns companheiros da sua geração. O casamento com Patrícia Galvão e a adesão ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), a ascensão do governo Vargas e o *crash* da bolsa de Nova York, que lhe causou um dano considerável nas finanças pessoais, conduziram o autor à reestruturação do pensamento. Assim, activamente envolvido no Partido Comunista Brasileiro e declarando-se marxista, Oswald de Andrade deixa de lado o modernismo.

Na perspectiva desta alteração de posicionamento de Oswald de Andrade, volto a enaltecer a obra *Serafim Ponte Grande*, um romance escrito no final da década de 1920, concluído em 1929 e publicado em 1933. Esta obra tem dois prefácios: no primeiro, intitulado ‘Objeto e fim da presente obra’, que surgiu em Novembro de 1926 na *Revista do Brasil* (antes da redacção do livro estar terminada), encontra-se um texto alegre e de tom satírico, que demonstra fulcralmente preocupações literárias, redigido entre a publicação de *Pau Brasil* e *O primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade*; já o segundo prefácio, que se refere à publicação de 1933, redigido no mesmo ano, é um dos textos mais agressivos, onde o autor ataca alguns autores daquela época e onde faz uma declaração pelo marxismo e pela luta política. Subjacente ao desenvolvimento do pensamento teórico antropofágico encontro a leitura do acto

antropofágico, ou seja, a acção e dimensão ritualística de deglutir metaforicamente o ‘outro’.

Nos escritos de Oswald de Andrade, o humor foi tanto arma como meio para alcançar/atingir não só o leitor mas, principalmente, os pseudo proclamados intelectuais e artistas brasileiros da época. De cariz extremamente crítico, Oswald de Andrade pautou-se pelo usufruto do humor, enquanto ruptura com os dogmas oficiais e rígidos dos cânones académicos, literários e artísticos da época, assim, “[...] a presença ou ausência do humor deve ter sido decisiva, sendo certo que uma das grandes lições do nosso Modernismo foi o papel profilático, regenerador e humanizador do humorismo.” (Candido, 1993: 137).

Assim, devemos ler Oswald de Andrade e a sua análise da construção cultural brasileira tendo por base a influência primordial do meio de inserção, determinante na divisão ideológica em três fases, as já mencionadas, primeira fase, até 1920, com o enaltecimento do nacionalismo; segunda fase, de 1930 a 1945, com a exaltação da corrente de pensamento marxista; e a terceira fase, de 1945 a 1954, no regresso ao conceito de antropofagia, agora revisitado e transformado pela inserção das reconstruções teóricas.<sup>22</sup>

“[...] a sua segunda tentativa de ingressar no magistério, em 1950, foi motivo para uma retomada vertiginosa do conceito de antropofagia. Aquilo que na década de 1920 surgiu como provocante plataforma literária, nesse momento é transformado por Oswald em uma filosofia existencial.

O núcleo de sua tese é a oposição criada na cultura ocidental entre os “dois hemisférios culturais que dividiram a história em matriarcado e patriarcado”; sendo que, para Oswald, o primeiro “é o mundo do homem primitivo” e o segundo “o do civilizado. Aquele produziu uma cultura antropofágica, este, uma cultura messiânica”. Ele interpreta a cultura matriarcal ou antropofágica como um estágio original da humanidade livre dos tabus e interdições criados pela civilização ocidental, que, como mostraram antropólogos e psicanalistas, foi erigida sobre a proibição.” (Silveira. 2009: 378).

---

<sup>22</sup> Esta divisão deriva da leitura e análise de Eder Silveira no artigo *Oswald Ponta de Lança. Antropofagia e Imaginação Política na década de 1940*. Revista de História 160 (1.º semestre de 2009), p. 368. Serve a presente divisão como usufruto organizacional para uma leitura mais objectiva e coerente com o processo evolutivo do autor e obra teórica em análise: “[...] essa divisão que estou propondo atende exclusivamente a fins esquemáticos. A leitura que Oswald de Andrade faz do marxismo, na década de 1930, é uma leitura antropofágica. Da mesma forma, a retomada do conceito de antropofagia, na segunda metade da década de 1940, não significou o abandono de suas preocupações com a nacionalidade – basta pensarmos em suas reflexões sobre a cultura indígena e o primitivismo nas décadas de 1940 e 1950 -, ainda tingida pelo pensamento marxista.” (Silveira, 2009: 368). Além disso, esta estruturação serve como base para a linha metodológica utilizada no desenvolvimento textual do artigo, enquanto linha cronológica explicativa do pensamento antropofágico.

Assim, na óptica antropofágica é necessário “[colocar] o homem tropical no centro do mundo contemporâneo.” (Silveira, 2009: 381), pois “[...] se até aquele momento o “homem europeu falou demais”, a partir daquele momento era “preciso ouvir o homem nú”. (Silveira, 2009: 381). Desta forma, posso afirmar categoricamente a distinção de Oswald de Andrade como um dos principais pensadores do movimento modernista brasileiro, que construiu o conceito de antropofagia a partir do primitivismo, diferente do conceito criado pelo grupo Anta (nacionalismo-ufanismo<sup>23</sup>). Sob o manto da antropofagia entendia-se ser necessário reverter a estruturação de valorização cultural, fugindo ao cânone modernista europeu, e assim abrir espaço para o reconhecimento da construção cultural ‘brasileira’<sup>24</sup> (enquanto junção das três matrizes: indígena, africana e europeia).

Além das multiplicidades que confluem na construção teórica do conceito de antropofagia, de forma similar, também o próprio autor, Oswald de Andrade, revela uma personalidade fragmentada e multifacetada, percepção reivindicada por Antonio Candido: “[s]empre me pareceu que Oswald de Andrade era dividido ao meio, como homem e como escritor, [...]” (Candido, 1993: 135). Nas construções literárias de Oswald de Andrade e nas subsequentes reconstruções teóricas<sup>25</sup>, a antropofagia surge intimamente associada ao conceito de destruição, ruptura e metamorfose, assim, trata-se objectivamente da reivindicação de uma posição assertiva, aguerrida e fortalecida pela desconstrução da dicotomia civilizado/selvagem e ocidental/tropical.

O reposicionamento cultural estrangeiro é visível, por exemplo, no *Manifesto Antropofágico*, onde Oswald de Andrade apresenta uma paródia com a expressão icónica de William Shakespeare – “To be or not to be: that is the question” – metamorfoseada em: “Tupi or not Tupi: that is the question”. Esta alteração exalta o poder cómico, inquiridor e transformador da antropofagia, ao mesmo tempo que enaltece o regresso ao primitivismo e evidencia os processos socioculturais da cultura brasileira, numa afirmação pela revalorização da construção cultural popular/folclórica. Recordo que, contudo, e fugindo à divisão dicotómica da época (popular/folclórico *versus* erudito), esta linha inquiridora de Oswald de Andrade referencia a erudição, preconizando essencialmente a junção de dois espaços discursivos antagónicos.

---

<sup>23</sup> Nacionalismo-ufanismo define-se no gosto exacerbado pelo país onde se nasceu, no sentido de superioridade perante as restantes nações e povos, numa construção que, muitas vezes, conduz a actos de discriminação.

<sup>24</sup> Estou a referir-me a cultura ‘brasileira’ na sua vertente mesclada, ou seja, a antropofagia enaltece a construção cultural sob matriz indígena, de influência africana, europeia e norte-americana.

<sup>25</sup> Refiro-me concretamente ao Tropicalismo e à Poesia Concretista.



A teoria/pensamento/movimento antropofágico procura, desta forma, repensar a construção da cultura brasileira, os trâmites da sua absorção e a capacidade de redimensionar o seu peso na cultura internacional. Esta estrutura que se caracteriza pela reformulação cultural não é nova, pois não podemos esquecer que se vivia<sup>26</sup> numa época de transformações evidentes, nomeadamente, após a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) e a subsequente necessidade de repensar actos, conceitos e teorias.

Mas não foi só na estrutura textual e teórica onde surgiram alterações, e se o texto do movimento (*O Manifesto Antropófago*) é marcado por frases curtas mas repletas de informação subliminar, já a interpretação desta informação carece de um leitor conhecedor e imbuído pela estrutura social e cultural brasileira. Desta forma, os jogos de palavras e o humorismo, enquanto características intrínsecas ao texto, necessitam de um leitor introspectivo e atento, que procura, antes de mais, o reconhecimento da cultura brasileira determinada numa perspectiva metamorfoseada.

A antropofagia procura, essencialmente, tornar-se numa filosofia aglutinadora, basta para isso a releitura da frase já citada neste texto: “Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.” (Andrade, *Manifesto Antropófago*), ou seja, promove-se a união do povo brasileiro sob uma mesma estrutura cultural, tendo por base a matriz indígena e os valores de referência da cultura matriarcal (criada por Oswald de Andrade). Esta procura pela identidade do povo brasileiro é central na dinâmica teórica/filosófica dos modernistas, ao mesmo tempo que promove a reestruturação do pensamento romântico. A antropofagia é assim dualista, pois tanto indica uma estrutura de agressão, violência filosófica e crítica à aceitação amorfa da cultura estrangeira, como promove a exaltação da cultura indígena, o distanciamento da cultura colonialista e, desta forma, uma reconversão da criação artística e cultural.

Oswald de Andrade era também um boémio, artista e empresário do café e dos imóveis, que em 1929 passa ao estatuto de falido e torna-se revolucionário, adepto das incertezas e da crítica reflectiva. Este momento de ruptura financeira marcou irreversivelmente a existência do homem e reestruturou o pensamento do crítico, artista e filósofo. E se a irreverência e o vanguardismo já estavam presentes na sua concepção sociocultural, contudo, a reviravolta nas suas capacidades económicas aguçou-lhe a

---

<sup>26</sup> Publicação da *Revista de Antropofagia* (n.º 1) e a exaltação do *Manifesto Antropofágico* (1928) derivam da reperspectivação das estruturas culturais brasileiras. Além deste exercício escrito, também a Semana de Arte Moderna de São Paulo (1922) onde se aliou diferentes processos discursivos que visavam reestruturar a absorção, típica e acrítica, numa estrutura de metamorfose, com exaltação do modelo primitivo e indígena e fucralmente, a tónica da devoração cultural.

propensão revolucionária, proletária e descompromissada com os dogmas da elite social e cultural brasileira.

Uma característica que marca fortemente a estrutura de vida de Oswald de Andrade é a sua errância pelo mundo artístico, financeiro, filosófico, acadêmico e político, ou seja, a sua dispersão fragmentária acentuou a capacidade de desconstruir e de reconverter a sua identidade e a identidade do país. Além desta desenvoltura nos interesses, também as inúmeras viagens à Europa e ao resto do mundo promoveram a cimentação da sua formação social e cultural, abrindo espaço a uma panóplia exemplificativa que em muito justifica a sua capacidade de criticamente reflectir a construção cultural e identitária do Brasil. O processo viático é de tal forma intrínseco e influente na sua formação identitária de artista e pensador, que é o próprio autor que se assume como viajante, por exemplo, ao retratar-se nessa perspectiva, na obra *Memórias sentimentais de João Miramar* (1975).

O conceito de antropofagia no pensamento de Oswald de Andrade surge assim após as inúmeras viagens à Europa, onde contactou com movimentos e estruturas teóricas de vários teores: modernismo, cubismo e dadaísmo. Estes encontros promoveram uma releitura da cultura brasileira, da estrutura social do país e da sua intervenção/influência na edificação identitária do Brasil. A visão externa atribuiu-lhe uma perspectiva, até à data, obscurecida. Assim, a acção viática, a multi e interculturalidade, presenciada e vivenciada, a vanguarda e o modernismo são elementos intrínsecos à construção do pensamento antropofágico.

“Buscando a ruptura, privilegiando a permanência, Oswald transforma a Antropofagia no caminho escolhido para a criação de uma unidade nacional; um caminho que permitirá a ele construir um discurso que não seja apenas de ruptura mas, também, de incorporação.” (Souza 2007: 121).

A *Revista de Antropofagia* foi o veículo de expressão do movimento. O *Manifesto Antropofágico* continua a ser um documento crucial na cultura brasileira, indispensável na construção identitária do país. A antropofagia de Oswald de Andrade consistia assim na devoração metafórica dos valores e rituais culturais europeus; ruptura com a civilização patriarcal, expressão do dinamismo sociocultural de raiz messiânico e capitalista, para exaltar a cultura matriarcal, enquanto estrutura de vivência ‘tropical’, com elevação do elemento indígena e imposição do ócio, fruto da alegria; e ainda, desconstrução das normas rígidas de comportamento e convivência social e cultural.

Embora se tenha iniciado com o *Manifesto Pau-Brasil* e a irreverência da Semana de Arte Moderna de 1922, foi com o *Manifesto Antropofágico* que se implementou inequívoca e inquestionavelmente um ambiente de ruptura com os cânones culturais, numa transposição que continua actual e relevante, visível através das inúmeras readaptações e reutilizações que não só revitalizaram o movimento/pensamento, como lhe atribuem um prisma eminentemente contemporâneo. Desta forma, posso afirmar que a Antropofagia é uma corrente modernista, de produção brasileira, com reminiscências históricas, estendidas até à contemporaneidade.

Em formato conclusivo, regresso à fonte, ao encontro do N.º 2 da *Revista de Antropofagia*, onde se encontra uma relevante introdução por Antônio de Alcantara Machado, designado ‘Incitação aos canibais’, que embora um pouco extensa, mas pela importância para a compreensão do conceito de antropofagia, optei transcrever:

“O atraente parteiro, professor, acadêmico e orador doutor Fernando de Magalhães esteve há dias em São Paulo onde falou sobre o feminismo, deu uma lição de obstetrícia e concedeu uma entrevista.

É essa entrevista que merece ser conhecida. O doutor Fernando fez nela a apologia entusiasmada da Sociedade Brasileira de Educação. Sociedade benemerita, sociedade utilissima, sociedade isto, sociedade aquilo. A prova? Aqui está (palavras textualissimas): *A biblioteca da Associação – acentuou – é o que há de mais perfeito no gênero, como ordem e como método na sua organização. Uma de suas secções, por exemplo, a biblioteca infantil, exigiu um trabalho enorme de paciência e perspicácia. Necessitou-se de um inquérito entre as crianças para se saber quais os livros preferidos, chegando-se a resultados estupendos. Uma criança de 12 anos, por exemplo, a qual perguntou-se qual o livro preferido, respondeu, prontamente: “Lusiadas” de Camões.*

Ora, ora, ora, ora. Que brincadeira é essa? Então o raio do menino com doze anos de idade já é assim tão imbecilzinho que prefere Camões a Conan Doyle? E é isso que se chama resultado estupendo?

O doutor Fernando quis troçar com a gente. Não tem que ver. Menino que chupa Camões como se fosse pirolito de abacaxi não é menino: é monstro. Mas que monstro: toda uma coleção teratológica. É também para guris dêsse quilate (e não só para os peraltas) que existe chinelo de sola dura.

Põe a gente triste verificar que um fenômeno assim é como não podia deixar de ser brasileiro. Já no grupo escolar a molecada indígena ouve da boca erudita de seus professores que o Brasil foi descoberto por acaso e Camões é o maior gênio da raça. A molecada cresce certa dessas duas verdades primarciais. Daí o mal imenso: país descoberto por acaso é justo que continue entregue ao acaso dos acontecimentos. Mesmo porque a gente não tem tempo para perder com bobagens: Camões absorve todos os minutos inteligentes.

Êsse antropófago que vem desde o nascimento desta terra (há um testamento de bandeirante escrito numa folha manuscrita do *Os lusiadas*) devorando com delícia as gerações nacionais precisa por sua vez ser deglutido. É urgente pôr boi tão gordo na boca da sucuri brasileira. E que sirva de aperitivo a Sociedade Brasileira de Educação. Para rebater, a sobremesa será o doutor Fernando que é manjar doce e fino.” (Machado. 1928: 1).

### **3. Antropofagia e Tradução Cultural – encontro de metáforas**

A tradução é uma metáfora para a acção antropofágica, executada na desconstrução do discurso colonialista e reconstruído sob uma concepção de estética indígena e intercultural. A perspectiva centralizada na devoração, enquanto execução da reconversão/tradução do passado no presente intercultural, representa o processo de destruição messiânica da cultura europeia (ocidentalizada e cânone) e à reconversão do auto-posicionamento do ex-colonizado. Assim, o que o pensamento antropofágico consegue é conduzir uma reflexão sobre a legitimidade e relevância da aceitação dos cânones e paradigmas teóricos externos.

A teoria antropofágica tornou-se termo indissociável do processo de traduzir o Brasil, pois terá sido na ânsia pela internacionalização que se abriu caminho à propagação do termo e conceito. Se, como sabemos, o *Manifesto Antropófago* abriu caminho ao pensamento vanguardista homonimamente designado antropofagia, no entanto, não significou uma aceitação universal por parte dos intelectuais brasileiros da época. Alguns críticos, como Roberto Schwarz<sup>27</sup>, embora reconhecedor do revigorismo e pertinência da perspectiva, não deixou de levantar censuras, principalmente, em referência ao carácter incongruente da ideologia e à disparidade de *backgrounds* de um grupo de pensadores, maioritariamente, focados na produção e interpretação artística. Porém, aquilo que foi salientado e permaneceu nas sucessivas reconstruções teóricas impressas à antropofagia, enquanto processo activo, dinâmico e promissor, foi a capacidade de reconstrução, ou seja, não se trata apenas da desconstrução da ‘cópia’ e do ‘original’ ou substituição de dogmas ou paradigmas, mas antes, a capacidade de ‘comer, deglutir e regurgitar’, enquanto sinónimo de estruturação metamorfoseada. Assim e na expressão de Oswald de Andrade, propunha-se transformar o ‘tabu em totem’<sup>28</sup>, portanto, repensar modelos socioculturais e ideológicos, assente no reposicionamento do binómio ‘nós’/‘outros’ (identidade/alteridade).

Após nascimento e desenvolvimento da concepção e termo antropofagia, este foi posteriormente adoptado pelos Estudos da Tradução, nomeadamente, com Susan

---

<sup>27</sup> Aprofundar esta perspectiva com a leitura do artigo ‘Nacional por Subtracção’ (Aula dada no curso Tradução/Contradição, organizado por Adauto Novaes para a Funarte. Publicação original na *Folha de São Paulo*, 07/06/1986, reproduzido em *Que horas são?* São Paulo, Cia. das Letras, 1987 e *Cultura e Política* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001).

<sup>28</sup> Trata-se de uma construção teórica/filosófica criada por Sigmund Freud, onde se preconiza a protecção dos conceitos (tabus) pré-elaborados, reformulados numa interpretação metamorfoseada pelas vicissitudes socioculturais das sociedades pós-modernas.

Bassnett<sup>29</sup> ('cannibalism') e definido como exemplo teórico das culturas 'marginais'. Também Homi K. Bhabha<sup>30</sup> e Tejaswini Niranjana<sup>31</sup> promoveram o conceito de tradução cultural, numa perspectiva em tudo acoplada ao conceito de antropofagia.

Assim, existe uma relação clara entre tradução cultural e antropofagia – as duas perspectivas teóricas pressupõem uma desconstrução do discurso/narrativa 'de partida', para uma posterior reconstrução mesclada, fluída e intercultural, visível no discurso/narrativa 'de chegada'. Utilizam a mesma linguagem intertextual pela peregrinação contínua entre dinâmicas sociais, culturais, linguísticas e ideológicas, numa acção indispensável de contaminação e metamorfose. Existe ainda uma clara identificação dos dois pensamentos teóricos com a perspectiva de produção pós-colonial, ou seja, uma vez que o pós-colonialismo incide na reconversão e desconstrução dos silêncios dos, agora, ex-colonizados, também a antropofagia e a tradução se apresentam como meios de reestruturação, fruto de adições e subtracções, que resultam num processo de vampirização ou transmutação<sup>32</sup>.

A relevância do pensamento antropofágico prende-se largamente com a raiz indígena/brasileira, ou seja, o regresso e a reperspectivação da cultura brasileira através da exaltação do modelo de deglutição das influências externas, vampirizadas<sup>33</sup> num modelo repensado e metamorfoseado. O conceito de vampirização (Haroldo de Campos) torna-se perfeito para promover a compreensão do pensamento antropofágico, em comunhão com a construção da tradução cultural: são metáforas da teoria da tradução, sob as quais se enaltece o carácter desconstrutivo do 'original', a rejeição do estado servil promovido por Lawrence Venutti e a sua invisibilidade do tradutor, e ainda se trata de impulsionar a metamorfose cultural, através do pensamento crítico sob as

---

<sup>29</sup> Para o desenvolvimento da linha interpretativa por Susan Bassnett recomendo a leitura da obra *Post-Colonial Translation – Theory and Practice* (editado por Susan Bassnett e Harish Trivedi), Routledge, Nova Iorque: 1999.

<sup>30</sup> Para seguir a perspectiva de Homi K. Bhabha recomendo a leitura de *The location of culture*, New York: Routledge, 1994.

<sup>31</sup> No desenvolvimento da perspectiva de Tejaswini Niranjana, recomendo a leitura de *Siting Translation: History, Post-structuralism and the Colonial context*. Berkeley/Los Angeles, University of California Press.

<sup>32</sup> Vampirização, transmutação e transcrição são conceitos desenvolvidos por Haroldo de Campos; o autor interpreta à luz do processo tradutivo. Para o autor, a tradução agrega abrangência temática, numa inserção sociocultural, sob a qual é necessário subtrair e adicionar elementos que promovam uma estruturação tradutiva profunda e integrativa.

<sup>33</sup> Vampirizadas no sentido de absorver apenas o interior ('sangue'), o *core* da cultura externa (estrangeira) e subsequente inserção desta informação, transformada e reconstruída, numa nova 'corrente sanguínea'. Esta metáfora visa salientar a ideia de absorção e posterior transformação. Nesta linha interpretativa, o conceito de 'vampirização' no âmbito da tradução foi cunhado por Haroldo de Campos (esta referência surge no *Post-scriptum* da tradução do autor de *Faust*, de Goethe), onde salienta a visibilidade do tradutor, ou seja, para o autor trata-se da exaltação da prática antropofágica.

hierarquias e importâncias da cultura nacional e estrangeira, e da cultura popular/folclórica e cultura erudita.

#### **4. Reflexões finais**

A singularidade do pensamento teórico antropofágico prende-se na sua capacidade reconstrutiva. Reconstruir não só a narrativa do passado, mas principal e fulcralmente, reestruturar a representatividade identitária e definidora da expressão sociocultural brasileira em toda a linha diacrónica. Numa acção pela integração conscienciosa e atenta, da produção e interpretação cultural externa (estrangeira), numa readaptação deglutida e vampirizada, na qual o centro passa a constituir-se na produção sociocultural interna. Trata-se desta forma de um reposicionamento do centro e periferia, numa reconversão das hierarquias socioculturais.

Este artigo visou abrir caminho ao conceito de antropofagia e à sua aplicabilidade teórica, um processo que procura salientar a construção sociocultural identitária e representativa revisitada e metamorfoseada. Não se pode continuar a acalentar definições dogmáticas do passado, antes pelo contrário, é necessário repensar, para desconstruir e reconstruir, essencialmente, readaptar ao dinamismo das sociedades multi e interculturais. Assim, mais do que apresentar uma estruturação teórica, este artigo procura salientar uma perspectiva alternativa, propor uma reestruturação do que se entende como emanção cultural, pois é urgente visitar histórias repetidas e desfasadas das necessidades das sociedades pós-modernas. Seguindo a indicação de Oswald de Andrade é, pois, necessário comer, deglutir criticamente e reconstruir, numa ânsia por uma política sociocultural cada vez mais integralista e abrangente.

#### **5. Bibliografia**

ALMEIDA, José Americo de. ‘Como me tornei escriptor brasileiro’. Em: *Revista de Antropofagia*. Número 6 – Outubro de 1928.

ANDRADE, Carlos Drummond de. ‘Anecdota da Bulgária’. Em: *Revista de Antropofagia*. Número 8 – Dezembro de 1928.

ATHAYDE, Tristão de. ‘Sobre a Antropofagia’. Em: *Revista de Antropofagia*. Número 18 – Maio de 1929.

BASSNETT, Susan. *Post-Colonial Translation – Theory and Practice* (editado por Susan Bassnett e Harish Trivedi). Routledge, Nova Iorque: 1999

BHABHA, Homi K.. *The location of culture*. New York: Routledge, 1994.

CANDIDO, Antonio. ‘Os dois Oswalds’. Em: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CERQUEIRA, Carina. ‘Macunaíma – o herói sem nenhum caráter – obra basilar brasileira segundo o olhar português’. Em *E-REI (Revista de Estudos Interculturais)* do Centro de Estudos Interculturais do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. Número 1 – Junho de 2013.

COSTA, Oswaldo. ‘A “Descida” Antropofaga’. Em: *Revista de Antropofagia*. Número 1 – Maio de 1928.

MACHADO, Antônio Alcântara. ‘Abre-Alas’. Em: *Revista de Antropofagia*. Número 1 – Maio de 1928.

MACHADO, Antônio Alcântara. ‘Incitação aos Canibais’. Em: *Revista de Antropofagia*. Número 2 – Junho de 1928.

MACHADO, Antônio Alcântara. ‘Vaca’. Em: *Revista de Antropofagia*. Número 6 – Outubro de 1928.

NIRANJANA, Tejaswini. *Siting Translation: History, Post-structuralism and the Colonial context*. Berkeley/Los Angeles, University of California Press.

SCHWARZ, Roberto. *Nacional por Subtração*. Aula dada no curso Tradição/Contradição , organizado por Aduino Novaes para a Funarte. Publicação original na Folha de São Paulo, 07/06/1986, reproduzido em *Que horas são?* São Paulo, Cia. das Letras, 1987 e *Cultura e Política* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001.

SILVEIRA, Éder. ‘Oswald Ponta de Lança. Antropofagia e imaginação política na década de 1940’. Em: *Revista de História*. Número 160 (1.º semestre de 2009).

SOUZA, Ricardo Luiz de. ‘Ruptura e incorporação: a utopia antropofágica de Oswald de Andrade’. Em: *Revista SCRIPTA*. Número 20, volume 11, pp. 113 – 126, 1.º semestre – 2007.